Quase tudo para dar certo em 1996

O agribusiness brasileiro em 1995 confirmou a carne avícola como a proteína de maior sucesso de vendas internas. A elevada oferta de milho garantiu a engorda dos animais a baixo custo, permitindo bons preços no varejo, que seduziram os consumidores e frustraram os criadores de bovinos. Já para 1996, algumas dúvidas sobre a repetição desses resultados permanecem sem resposta.

Ao longo de 1995, a pecuária bovina brasileira passou pela situação inusitada de ver a cotação da arroba do boi gordo no mercado atacadista de São Paulo manter-se estável em termos reais durante o período da entressafra (junho a outubro). Essa tendência foi diametralmente oposta à valorização média acumulada de 29% que esse indicador, medido em dólares, registrou entre os mesmos meses dos anos de 1975 a 1994.

Frango vivo — São Paulo
Custo médio mensal de produção e preço médio mensal recebido
Jan. 1994 a out. 1995
(em US$/kg)

Mês	Custo de produção (A)	Preço recebido (B)	B/A
Jan./94	0,67	0,58	0,87
Fev.	0,61	0,67	1,10
Mar.	0,60	0,68	1,13
Abr.	0,61	0,61	1,00
Maio	0,58	0,61	1,05
Jun.	0,54	0,58	0,95
Jul.	0,61	0,58	0,95
Ago.	0,64	0,66	1,03
Set.	0,67	0,69	1,03
Out.	0,70	0,88	1,26
Nov.	0,74	1,05	1,42
Dez.	0,77	0,99	1,29
Jan./95	0,74	0,72	0,97
Fev.	0,73	0,64	0,88
Mar.	0,66	0,52	0,78
Abr.	0,61	0,52	0,85
Maio	0,62	0,57	0,92
Jun.	0,60	0,63	1,05
Jul.	0,63	0,71	1,13
Ago.	0,66	0,71	1,08
Set.	0,64	0,63	0,98
Out.	0,65	0,49	0,75

Fonte: Apa

Paralelamente, assistiu-se a uma acentuada queda do preço real varejista da carne bovina tanto de primeira quanto de segunda. Entre janeiro e novembro do ano passado, o acumulado da queda, medido no comércio da cidade de São Paulo, foi de 28% no caso da alcatra e de 25% no do acém. Vale observar que, no mesmo período, a desvalorização nos preços atacadistas do traseiro e do dianteiro bovinos foram muito menores (respectivamente, 9% e 2%), evidenciando a dificuldade nas vendas desse alimento em nível de varejo.

Colaboraram para esses fenômenos três fatores: o crescimento da criação confinada do gado de corte, o inverno ameno do ano passado e o forte aumento da oferta de carne de aves.

No ano passado 1,25 milhão de cabeças de gado foram confinadas, representando avanço de 32% diante do número de 1994.

No que diz respeito ao confinamento do rebanho bovino, trata-se de manejo que contribui para suavizar as oscilações (tanto altistas quanto baixistas) dos preços da carne, causadas por variações das condições das pastagens. Segundo estimativas da FNP Consultoria e Comércio, no ano passado 1,25 milhão de cabeças de gado foram confinadas, o que representou avanço de 32% sobre o número de 1994. Tratou-se de aumento espetacular (entre 1985 e 1994, a média das variações anuais foi de 13%), inclusive tendo-se elevado a relação entre o total dos confinados e o total dos abates para quase 5%, contra 3,5% no quinqüênio 1990-94. Para 1996, a mesma fonte prevê que o confinamento atinja 1,3 milhão de cabeças.

A ausência de baixas temperaturas e a relativa regularidade das chuvas durante os meses de inverno tiveram participação decisiva para o quadro da pecuária bovina em 1995. Isso porque, uma vez que os pastos não foram danificados pelas condições climáticas, o gado criado extensivamente não sofreu a perda de peso usual nessa época do ano.

Quanto à concorrência ditada pela carne de frango, a oferta interna recorde de 3,6 milhões de toneladas (24% a mais do que em 1994) foi decisiva para a depressão dos preços da carne bovina, via aumento da concorrência. No caso, os consumidores beneficiaram-se não só do aumento dos criatórios avícolas como também da menor atratividade do mercado internacional dessa carne, o que estimulou o desvio de parte da mercadoria para o consumo interno.

Ficou claro nesse processo que está praticamente solidificada a grande alteração no perfil do consumo brasileiro de carnes, detonada desde que o segmento aví-

cola passou a ter vida própria. E, o que não deixa de ser marcante, pela primeira vez na história do agribusiness brasileiro os pecuaristas sentiram que sua independência em relação à carne branca começou a ser sepultada, à medida que a preferência dos consumidores por esta última, altamente ofertada e de preço mais acessível, deu-lhes um maior poder de barganha diante das alterações sazonais típicas do preço da carne vermelha.

A pergunta que permanece é como, em um ano de margem negativa para os avicultores, pôde-se bater um recorde histórico de produção da carne. De fato, se o exercício recém-findo foi bom para os consumidores de frangos, o mesmo não se pode dizer dos criadores. Devido à grande oferta de aves, o preço recebido foi, por diversos meses, inferior ao custo de produção. No balanço dos 10 primeiros meses do ano, a média da relação entre esses dois indicadores foi negativa em 10%, contra os 4% positivos observados no mesmo período de 1994.

Os próprios empresários ligados à cultura bovina de corte manifestaram a intenção de também investir na ampliação da oferta de cortes do seu produto.

A resposta a tal pergunta aparentemente reside no fato de os criadores de menor porte (e conseqüentemente de maiores custos) terem optado por abandonar a atividade, aumentando a concentração dos criatórios direcionados às grandes empresas de integração. Não é para menos que, segundo a Associação Paulista de Avicultura — APA, perto de 75% dos criadores do estado de São Paulo — último bastião da avicultura de corte não integrada — já abandonaram o modelo de independência, passando a trabalhar como integrados aos abatedouros.

Outro fator que ajuda a entender a boa *performance* da avicultura de corte em 1995 é a maior lucratividade que o segmento de partes de aves tem representado para a agroindústria. Embora não se saiba quanto, da produção total de carne avícola, é representado por esses subprodutos, a simples observação junto aos pontos-de-venda confirma que o subsetor vem crescendo a passos largos. O que explica por que, recentemente, os próprios empresários ligados à pecuária de corte manifestaram a intenção de também investir na ampliação da oferta de cortes de carne bovina, como forma de racionalizar os custos, aumentar suas margens de lucro e frear a perda dos consumidores em favor da carne branca.

Resta saber, porém, o que aguarda o mercado avícola brasileiro para o ano de 1996. Para isso, duas variáveis mais importantes devem ser consideradas.

Em primeiro lugar, é notório que o abastecimento interno de milho foi anormalmente farto em 1995, com a oferta recorde de 43,5 milhões de toneladas, garantindo um suprimento sem sobressaltos às atividades criatórias. Já para o ano que se inicia, se o elevado estoque de passagem do grão deverá ser mais do que suficiente para compensar a menor colheita esperada, por outro lado resta saber se o governo terá a necessária agilidade para deslocar o produto remanescente para as áreas de consumo, antes que ocorram eventuais pressões altistas dos preços por conta da menor produção.

A situação futura da renda dos consumidores é o segundo aspecto que deverá balizar a atividade avícola em 1996. Isso porque há dois tipos de consumidores para esta carne: aquele que já a incorporou ao seu cardápio por uma questão de consciência alimentar, e aquele que passou a consumi-la devido ao seu preço mais em conta.

Como a maior parte dos consumidores do segundo grupo é de pessoas de menor poder aquisitivo, que foram beneficiadas pela queda da inflação ditada pelo Plano Real, é de supor que eventuais recuperações do ímpeto inflacionário venham a desequilibrar seu consumo de alimentos mais nobres, classificação que tradicionalmente engloba as proteínas animais.

Com um olho nos preços do seu principal insumo e outro na evolução inflacionária, os avicultores certamente desejarão manter em crescimento a sua atividade durante 1996. Até porque a situação das exportações tem-se tornado mais difícil na medida em que o *custo Brasil* vem-se aliando aos fortes subsídios recebidos pelos exportadores de frangos norte-americanos e franceses como dificuldade extra ao crescimento — ou à mera manutenção — da tonelagem embarcada a cada ano.

De qualquer forma, é certo que a percepção dos consumidores quanto à carne branca continuará a ser fundamental para a manutenção do sucesso alcançado pelo produto. Mais especificamente, os atributos percebidos no instante da aquisição e as características sensíveis no momento do consumo serão determinantes na avaliação, sugerindo que os aspectos mais relevantes continuarão a ser o baixo preço, a imagem de produto saudável, a ausência de restrições religiosas ou culturais e sua ampla variedade de formas.

Brasil — Abates e confinamento de bovinos 1990-96
(em cabeças)

Ano	Abate (A)	Confinamento(B)	B/A %
1990	22.485.602	830.000	3,70
1991	24.922.684	790.000	3,20
1992	24.410.337	850.000	3,50
1993	25.211.675	800.000	3,20
1994	24.586.051	950.000	3,90
1995	26.552.000	1.250.000	4,70
1996[P]	ND	1.300.000	ND

Fonte: FNP Consultoria e Comércio.
[P] Projeção.

IRENE RAGUENET TROCCOLI